

DA ESPADA À BANDEIRA

Danielle Maria Perez Lott, 5º período

A globalização é um fenômeno que afeta a todos os países, mas que poucos conseguem realmente utilizar em proveito próprio. As nações subdesenvolvidas são alvo das propagandas da globalização, dizem ser melhor é ter um modo de vida semelhante ao da “Potência mor”. No Brasil, os estrangeirismos são preferidos pelo comércio e pelos jovens. Para se ter um bom emprego precisa-se saber pelo menos o inglês.

Palavras-chave: globalização; relações interestatais; subdesenvolvimento

A globalização é um fenômeno que afeta a todos os países, mas que poucos conseguem realmente utilizar em proveito próprio. As nações subdesenvolvidas são alvo das propagandas da globalização, dizem ser melhor é ter um modo de vida semelhante ao da “Potência mor”. Por outro lado, existem países que conseguem receber o que vem através dessas propagandas e mesmo assim manter sua cultura. Conseguem por saberem dosar um meio termo entre globalização e sentimento nacionalista. Nenhum dos dois, globalização e/ou nacionalismo, sozinhos e exacerbados fazem uma nação prosperar de fato. Tendo o nacionalismo exagerado manipulado populações, levando-as às guerras.

Ianni e Held, D. & McGrew dão as definições de globalização e nacionalismo (respectivamente) que permitem melhor entender esses dois termos tão fundamentais na vida de um Estado Nação.

Um sistema mundial é um sistema social, um sistema que possui limites, estrutura, grupos, membros, regras de legitimação e coerência. Sua vida resulta das forças conflitantes que o mantêm unido por tensão e o desagregam, na medida em que cada um dos grupos busca sempre reorganizá-lo em seu benefício. Tem as características de um organismo, na medida em que tem um tempo de vida durante o qual suas características mudam em alguns dos seus aspectos, e permanecem estáveis em outros. Suas estruturas podem definir-se em fortes ou débeis em momentos diferentes, em termos da lógica interna de seu funcionamento.

(...)

Até o momento só tem existido duas variedades de tais sistemas mundiais: impérios-mundo, nos quais existe um único sistema político sobre a maior parte da área, por mais atenuado que possa estar o seu controle efetivo; e aqueles sistemas nos quais tal sistema político único não existe sobre toda ou virtualmente toda a sua extensão. Por conveniência, e à falta de melhor termo, utilizamos o termo “economias-mundo” para definir estes últimos (Ianni, 1995: 33).

“O nacionalismo é a força que liga os Estados às nações: ele descreve a complexa fidelidade cultural e psicológica dos indivíduos a determinadas identidades e comunidades nacionais, assim como o projeto de criar um Estado em que dada nação seja dominante. As fronteiras fixas do Estado moderno abarcam, em geral, uma diversidade de grupos étnicos, culturais e lingüísticos de inclinações e lealdade variáveis. As relações entre esses grupos, bem como entre eles e os Estados, não têm uniformidade e, com frequência, são fonte de graves conflitos. No final do século XIX e durante o século XX, o nacionalismo tornou-se uma força que sustentou e respaldou a formação do Estado em alguns lugares (por exemplo, na França) e que o questionou ou reformulou em outras regiões (por exemplo, em Estados multiétnicos como a Espanha e o Reino Unido).

Entretanto, apesar da diversidade dos nacionalismos e de seus objetivos políticos, bem como o fato de que a maioria das culturas nacionais tem menos de duzentos anos, essas novas forças políticas criaram termos fundamentalmente inéditos de referência política no mundo moderno – termos de referência que hoje parecem tão bem enraizados que muitos povos, se não a esmagadora maioria deles, tomam-nos como dados e como praticamente naturais (Held, D. & McGrew, A., 2001:40).

O Canadá é um país sem uma identidade nacional definida, “importando” mentes brilhantes de todo o mundo e a cultura estadunidense. No Brasil, os estrangeirismos são preferidos pelo comércio e pelos jovens. Para se ter um bom emprego precisa-se saber pelo menos o inglês. Só se ouve o hino respeitosamente durante o pré-jogo de futebol (mais recentemente também no vôlei). Na grande maioria, são os seriados e filmes estrangeiros que fazem sucesso no país. A moda é como ditar Milão, Paris, Barcelona ou Nova York. O brasileiro é posto em segundo plano, como algo inferior. Até mesmo teóricos versam contra o nacionalismo.

Uma das posturas atuais para se criticar a História do Brasil está articulada à relação entre o Brasil e a globalização.

Na era da mundialização, da difusão do culto à globalização, o nacionalismo aparece como um valor ultrapassado e, muitas vezes, conservador e limitador da modernização. Modernização e tecnologia são facilmente associados ao mundo da globalização e tudo o que se refere a nacionalismo é entendido como a representação do atraso. A política das privatizações, a desnacionalização da economia em seus diversos setores, incluindo os considerados a base da riqueza nacional que envolveram, ou ainda envolvem, por exemplo, os confrontos em torno da Cia. Vale do Rio Doce ou da Petrobrás, evidenciam que o ideário nacionalista é retrógrado perante projetos do moderno capitalismo globalizado (Karnal, 2003:187).

O Brasil é um país com um potencial de crescimento tão grande que poucos países podem competir com ele. O potencial brasileiro é utilizado por outros países, principalmente os Estados Unidos, para a assimilação e fortalecimento da globalização. Sua população, porém, parece não notar que o que vem do exterior é bom, mas o que vem do próprio país também o é. A população não conhece sua própria história, não reconhece símbolos nacionais que não sejam a seleção brasileira de futebol. É um fato mutável, com estudos e divulgação de outros símbolos que estão presentes na vida da população. É na busca do equilíbrio do nacionalismo e da globalização que pode ser encontrada a fórmula para tornar o “potencial brasileiro” em “poder brasileiro”.

O Japão, segunda maior potência mundial, na Era Meiji (período da Abertura dos Portos) aprendeu como criar esse equilíbrio utilizando símbolos. O próprio Brasil durante, principalmente, o segundo governo de Vargas criou alguns símbolos na busca do nacionalismo, porém exacerbado e sem equilíbrio real com o global (apesar de mais equilibrado se comparado com o primeiro governo, Vargas não consegue esquecer suas tendências de anos antes). A partir da análise desses momentos, o "Brasil atual" tem condições de criar um sentimento nacional para ser equilibrado com a globalização, ajudando o Estado a ter maior expressividade na Sociedade Internacional.

A análise dos momentos históricos salientados é necessária para reforçar as afirmações anteriores.

No período de 1951 a 1954 volta ao poder Getúlio Vargas (já tendo comandado o Brasil de 1930 a 1945). Vargas foi simpatizante das causas nacionalistas, tendo sido ligado ao nazismo e ao fascismo durante o período da

II Guerra Mundial. Sua volta trouxe ao país símbolos fortes para o nacionalismo Brasileiro. O mais importante deles sendo a Petrobrás, principal conquista da campanha “O Petróleo é nosso”. No governo anterior, de Dutra, o Brasil se rendeu às vontades dos Estados Unidos sem barganhar sua posição, deixando não só a economia, como também a diplomacia brasileira a mercê das imposições da Potência principal do Capitalismo. Porém quando Vargas assume começa a jogar com todos os atores que tinha possibilidade. Volta a manter relações boas com a Argentina, para certo desagrado estadunidense. Aplica a não intervenção em conflitos fora da América (especificamente na Guerra das Coréias, 1950-1953), enquanto observa e auxilia as questões no Paraguai e no Uruguai. Economicamente, propicia o fenômeno desenvolvimentista que Juscelino Kubitschek colocaria em ação no seu governo, o projeto “50 anos em 5” (de 1955 a 1960). Eleva a moral brasileira e o respeito tido pela nação. O governo Vargas também é marcado por muita turbulência no meio político, essa turbulência culmina no suicídio do presidente e num plano de golpe por parte dos militares, este, porém, impedido pelo Ministro da Guerra. O Marechal (na época General) Henrique Baptista Duffles Teixeira Lott dá o Golpe Preventivo cercando a cidade do Rio de Janeiro (até então capital brasileira) e exigindo a posse do ganhador legítimo das eleições realizadas em 1954 (esse golpe rende ao Marechal o título de General da Legalidade e prisão domiciliar no período da ditadura de 1964).

Em 2002, é eleito o primeiro presidente de origem mais humilde e sem preparo acadêmico. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva pertence a uma vertente populista presente em várias outras nações latino-americanas. Porém, o populismo atual pode ser muito mais ligado ao “pão e circo” romano do que ao “nacionalismo” do populismo de Vargas. O ensino público está precário e em uma tentativa aumentar o percentual da camada mais pobre no ensino superior, são criadas cotas para ingresso nas instituições públicas de ensino superior (na realidade são “tapeativos”, já que sem um bom ensino básico poucos são os alunos aprovados por cotas que conseguem se formar e mudar suas condições de vida). A saúde está em estado de calamidade. A infraestrutura das cidades, sem acompanhamento por parte do setor público, propicia ano após ano o sofrimento da população com os mesmos problemas

(surto de dengue, falta d'água e enchente, por exemplo). O tráfico de drogas e a violência já não são problemas apenas das capitais. A corrupção quando é mostrada gera na população o pensamento de que “lá vem outro escândalo que resultará em nada”. A grande maioria dos políticos está “se lixando para a opinião pública”. Isso tudo deveria gerar protestos por parte da população, mas o comodismo é grande. A falta de um pensamento nacionalista permite que esse comodismo se instale.

O Japão “pré-Abertura dos Portos” matinha relações majoritariamente com China e Coréia. Era considerado um pequeno arquipélago sem grandes motivadores de interesse por parte da maioria dos exploradores. Antes de 1868, o Japão era um país agrário e vivia em um sistema muito semelhante ao feudalismo europeu, mas os “Damiô” (senhores feudais japoneses) estavam cada vez mais interessados em fazer laços comerciais com os Estados Unidos. Na época, o Japão não era controlado por seu Imperador (Ou-sama, em japonês), mas sim por um General Supremo (Shogun, em japonês), sendo a família Tokugawa a família de “Shogun” mais importante da história do Japão (desta família vem o nome do período que precede a abertura dos portos, Shogunato Tokugawa). O “Shogun” não tinha interesse na abertura do Japão, acreditava que as outras nações iriam querer destruir a cultura japonesa, então grande parte dos “Damiô” resolveram que este era o momento de restaurar o poder da Corte Imperial, começando assim uma guerra entre o “Shogunato” e os Monarquistas. Na guerra os monarquistas recebem a ajuda dos Estados Unidos, principalmente no fornecimento de armas. Essa ajuda foi o fator que garantiu a vitória dos Monarquistas, em uma guerra injusta de espadas japonesas (“katana”, em japonês) contra os rifles americanos. Como golpe final, Fragatas Negras sob o comando do Comodoro Matthew Perry cercam a baía de Yokohama e obrigam a abertura dos portos japoneses às nações amigas, sob pena de bombardearem Tóquio caso não fosse cumprida a determinada abertura. Tal hostilidade, na verdade, foi considerada posteriormente desnecessária, já que os Monarquistas já haviam sido vitoriosos e a “Meiji Isshin” (Restauração Meiji) havia sido realizada. Ao assumir, o Imperador Meiji era um jovem sem posição política real, mas uma figura carismática, tornando-se um fantoche dos Monarquistas que começaram

a modernizar o Japão. Os japoneses não eram acostumados a conviver com a diversidade cultural em seu território, e a Abertura dos Portos exigiu mudanças. Foi necessário trabalhar muito a população para que fosse visto com mais normalidade na mesma rua que um homem anda de terno, uma mulher andar de kimono. Foi nesse ponto que o nacionalismo entrou para fazer um contraponto à globalização. Os japoneses criaram indústrias conhecidas por “Zaibatsu” (ainda hoje existem como grandes corporações multinacionais, como a “Mitsubishi” (três diamantes, em japonês)) para mostrar que o país conseguia criar sua própria tecnologia e estava no mesmo patamar das nações européias e dos Estados Unidos.

Em poucas palavras, a cultura japonesa de Meiji caracteriza-se principalmente por herdar parte da cultura clássica e feudal, introduzir em larga escala produtos culturais do Ocidente, e criar, mediante fusão de todos esses elementos, uma nova cultura, adequada a uma sociedade capitalista moderna.

(...)

Tal como em outras fases de transição da história japonesa, mesmo na Restauração Meiji, quando acontecem amplas e profundas transformações sociais, econômicas e políticas, as antigas raízes da cultura tipicamente nipônica não são destruídas. A começar da família imperial, cuja presença se torna mais visível, o xintoísmo, o culto dos antepassados, artes tradicionais, etc, são preservados, reforçados ou renovados. Também o bushidô (caminho ético dos samurais), um código moral não escrito, medieval-feudal, é conservado, cultivado, adaptado aos novos tempos (Yamahiro, 1986: 185-188).

A partir das experiências históricas do Brasil Varguista e do Japão Meiji é possível notar que a busca pela identidade nacional é a solução mais viável para o Brasil atual se destacar no Cenário Internacional e utilizar a globalização em seu favor.

Referências

ALENCAR, F. et al, 1996. **História da Sociedade Brasileira.**

HELD, D. & McGrew, A., 2001. **Prós e Contras da Globalização.**

IANNI, O, 1995. **Teorias da globalização.**

KARNAL, L, 2003. **História na sala de aula conceitos, práticas e propostas: conceitos, práticas e propostas.**

YAMAHIRO, J, 1986. **História da cultura japonesa.**